



O FIGUEIROENSE

ÓRGÃO DO PARTIDO REPUBLICANO DO CONCELHO DE FIGUEIRO DOS VINHOS

PROPRIEDADE DO CENTRO REPUBLICANO CINCO DE OUTUBRO

ASSIGNATURAS

Um anno	1.820
Bem mais	840
Brasil, anno	2.600
Africa, anno	1.520
Número avulso	300

Anunciam-se as obras das quais se recebe um exemplar

PROBLEMA VITAL

Por uma forma assusta forá e infundável o preço dos géneros de primeira necessidade—não falando dos que, mais geralmente, são superfluos—têm encarecido, não só pela ganancia dos agricultores, fabricantes e comerciantes, como também pela subida constante dos salários.

A segunda é filha da primeira e a primeira é, inevitavelmente, inchada pela segunda.

O alto comércio vendo na guerra uma bela forma de enriquecer começou de, mais do que o natural, encarecendo os géneros e o operariado de todas as classes trabalhadoras, não podendo enfrentar com os seus ganhos a carestia do necessário, começou pedindo mais salário.

Porem mau foi encarecer e pedir mais a primeira vez.

Nun «crescendum» assustador e constante, subiu o gênero aumentava o salário e hoje temos sapateiros a ganhar 10 escudos por dia e um par de botas por 30.

A farinha,—o arroz,—o assucar, tudo, enfim, atingiram preços fabulosos e hoje temos trabalhadores a ganhar 1.880, ferreiros 2.386, funileiros 2.860 e trabalhadores de pau e corda 1.890 etc., etc.

Os armazénistas — quando não açambarcam — aumentam semanalmente, pelos menos, os preços dos géneros e assim o paiz em peso-lucta com a fome, ou, quando muito, com necessidades.

Por sua vez os governos, numa indiferença criminosa, relegam este assumpto, preferindo as pequenas e mesquinhias questões políticas, perseguindo adversários, promulgando a lei das 8 horas de trabalho, apresentando leis ao Parlamento inexistente querendo atalhar o mal por onde ele menos perigoso é.

Num orçamento de seis mil e tal contos de receita, vemos despesas de noventa e tal mil contos de despesa com um exército quasi invisível, sendo vinte e seis mil contos para uma marinha duns vinte ca-

lhameques de nulo valor militar.

Por outro lado as nossas colônias, verdadeiros celeiros inesgotáveis, solo uberrimo que dá desde o petróleo e o ouro, até ao mais explendido trigo, estão completamente abandonadas, à mercê de governadores inábiles que apenas as fingem governar uns 6 meses, quando muito, e que escangalham sempre a obra embora boa do seu antecessor, porque muitas vezes... não são da mesma feição partidaria.

No continente não temos vilas ferreas, estradas, hoteis, turismo, nós que temos um paiz capaz de atrair milhões de visitantes, portadores de milhares de contos em ouro, fonte imensa de imensa riqueza.

Os nossos comboios, as estações, os hoteis são verdadeiras vergonhas, antros plenos de miasmas, de imundícies, repelentes de lixo, lama, infectos e nauseabundos.

A par disto uma administração à matroca do «tira-te tu para eu subir», política de vaidades, rancores, odios latentes, formando uma atmosfera de descredito alheio, desconfiança interna, revolucionária, trocada, mexicana.

O paiz, eivado de mil males, sobrecarregado de impostos e encargos, luta contra o mal vindo de cima, dos lados, dele mesmo, pede ordem, trabalho, juízo e os grandes ou lhe respondem rindo, ou aplicando-lhe balões d'oxigénio que apenas lhe prolongam o seu desventurado viver.

E sem atacarem o mal, numa falta de senso incontestável, não legislam no sentido de obrigar, inclusivamente, a nação a trabalhar, gastando rios de dinheiro em coisas inuteis, em vez de com esse dinheiro explorar e fazer explorar as riquezas do nosso solo.

Jogo, prostituição, descanço nacional perpetuo: eis a situação.

E enquanto à França, Inglaterra, Itália, América, Alemanha, todo o mundo enfim, se lançam no trabalho, procuram

Publica-se aos sábados

Administração, composição e impressão na typographia
do
CENTRO REPUBLICANO

Rua da Água — FIGUEIROENSE DOS VINHOS

PUBLICAÇÕES E ANNUNCIOS

Preços convencionais

Toda a correspondência deve ser dirigida ao diretor
Originado paixão ou não publicados não se recebem.
Anúncios permanentes e comunicados proprios convencionados.

ordem, ansejam vivere e prospere, em Portugal, neste jardim à beira mar plantado, joga-se, passeia-se, armam-se bernardas, faz se política e... os governos sucedem-se, o Parlamento projecticula e a casa da moeda deita cá para fóra caradas de papel-moeda.

O importante... oral

Wladimiro d'Almeida

JOAQUIM LACERDA

Tem estado um pouco adoentado este nosso presado amigo e importante lavrador do nosso concelho.

Felizmente, à hora de fecharmos o nosso jornal, encontra-se muito melhor, pelo que sinceramente o felicitamos.

Certo esculapio de fama, (do caso ha tres testemunhas) perguntou a certa dama se queria um limpia-unhas...

WPI 83016

Ao Valentim

Desculpa, amigo, meter a minha foice em seara alheia, mas, por temperamento e, também, por me teres dado margem a recordar coisas passadas e que bastante desejava para ser pre esquecer, não fujo à tentação de te dirigir esta epistola, nuns poucos dando razão à tua carta dirigida à meiga Célia, outros contradizendo-te, pois tens alguma em que não te dou razão.

Passo em claro no que te referes a João de Deus, Bolhão Pato e salto do título ao ponto em que mais fundamente começas a filosofar.

Dizes possuir uma lyga de cor das de esparto; talvez se, pelo menos, todos os teus versos são como aqueles do célebre ui, beira podes guardal-a no fundo duma arca até que ocaruncho a desfaça em pó.

Mas como prosador não és mau e se da outra vez te troci, desta estendo-te a minha mão lealmente esquecendo-me até de que somos neste campo oficiais da mesma arte.

Acho-te graça—sem trocadilho—quando dizes que as damas des ta linda vila supõem, talvez, que a tua colaboração no Figueiroense é consequência de alguma trivial

paixão de namorado mal correspondido.

O teu temperamento sei ser, dono猛烈, pertencente a namorados conquistador, capaz até de te levar—se estivessemos no século XVII—a ruxares da tua espada de puro Toledo e de capa roçagante e pluma alta varares o peito do teu feliz rival.

És um verdadeiro descendente da raça bastante desseminada dos Magricos, vários de que a nossa Historia patria tanto fala e, assim, vâ-la um salto—encurnas a figura moral dum Montmerency—o coração num beijo e a alma num perfume—, o quixotismo dum Rufo—não matei em due lo o sol pelas alturas,...—e o lirismo quasi extra-espiritual dum Gonzaga—uma lagrima... um beijo... uns sinos a tocar.

Não te falta, para isto, seres treceardeas ceando, num só... Valentim!

Dizes, também, que as mulheres portuguezas não admitem serem espiritualizadas.

Admitem. Não todas, é certo, mas muitas delas, aquelas que sabem o que é o amor coraçao, o amor sentimento, aquelas que preferem uma rosa dada em boquitos de sorrisos e olhares mudos que tudo dizem. aquelas quando lhes beijamos a mão leve e sensiosa veem serem a rainha imperante na nossa alma pura de misticos intuições, que comprehendem a espiritualização por nós feita do nosso amor.

Amei apaixonadamente uma mulher assim, e se eu neesse amor louco—de corpo ajoelhado e alma ajoelhada—era só espírito, era só sentimento, ela um mimo de graça, de beleza e encanto, via bem quanto de elevação tinha o meu amor.

E, vê lá, sabes porque ela correspondeu a esse meu amor? porque lhe escrevia versos, os meus maus versos, porque lhe endereçava cartas em que esse amor apenas transparecia no encadeado das frases.

A mulher admite, pois, a espiritualização do amor, mas tu é que não admites que ela o faça, por que atraç dessa tua candura, (l) encontra-se o D. Juan de capa e espada.

Vale.

Wladimiro d'Almeida

—Amor é sonho dolente,
—Amor é sonho que passa;
—O sorte! P'ra mim somente
Nâohum... mesmopor graça.

Dialogo

—Ai, vizinha, ando hoje muito arreliada.

—Algum bicho que lhe mordeu?

—Não, vizinha; é que não sei o que hei de fazer para o jantar.

—Não?

—Eu não.

—Pois eu lhe digo. Olhe, faça... faça sopa, menina Maria, faça sopa...

Fala a arvore

Ao Wladimiro d'Almeida

Rompi a aurora...

Os primeiros raios de sol doiram as selvas encalhadas,

Uma aragem doce bafejava as tentas herbas dos outeiros, e passava, murmurando, pelos vales e campinas víosas.

Flores de variegadas cores, regadas pelo orvalho matutino pendiam das raminhas balouçando.

Nos altos corucheos do arvoredo os passarinhos cantavam canções misteriosas num alegre convívio de amor e docura.

Recostado na aspera cortiça dum velho sobreiro eu quasi que soluçava, abserto em meus pensamentos.

Pensava.

Meditava na iniquidade dos homens, no sarcasmo da sorte e nas leis inexoráveis da Providencia...

E assim absorto, ouvi a voz dum tronco secular, decepado que no meu lado jazia.

Falou-me assim: «Rapaz! Porque estás triste? Que dor te dilacerá a alma? Não te bafeja a fortuna? Não te sorri o amor? A maledicencia dos homens feriu-te o peito? Acaso a calunia mordeu te a honestat?

Escuta! A minha voz é experiente.

Não intristeças assim! O desespero aumenta as tuas dores! O choro carrega as tuas penas! Sê invencível a dor! Sê indiferente ao sofrimento!

Tudo que vive e sente sofre, bem sei!

Mas ouve: «Na minha mocidade, quando eu era novo, cheio de vida, hospedei essas vos passarinhos, com minha sombra protegi os viandantes, escondi aos olhos da humanidade os amores de muitos rapazes novos... e sabes como me recompensaram?

Aqueles que eu livrei do sol, deram-me chicotadas, o passarelo bateceu-me as folhas, os noivos, essa mocidade estonteante, partiram sem adeus me dizer...

Mais tarde vim um camponês e cortou-me o corpo sem dó nem piedade.

Ao meu lado vi eu sair os meus próprios membros despedaçados... Aqui a voz da arvore transformava-se num soluço e das suas fibras caíram mil lagrimas resinosas.

Chorava! Oh! Ingratidão quanto podes...

Prossegui: «Agora só tenho vida neste tronco inal, segui o a terra pelas raízes apodrecidas...

Mas a esperança, essa nunca a perdi, conservo-a ainda!

Segue o meu exemplo, ó mocidade! Nunca percas a esperança, tem fé, dom divino das almas eleitas!»

«Resignação, as penas, as dores, as recordações daquele tronco, sua fé, sua crença tão viva na felicidade, patentearam-me bem que o sofrimento jamais pode abater-se num animo, quando este esteja na Esperança!»

A voz do tronco fala um consolador lenitivo para as magras minhas. E, não sendo o único des-

Embora já as brancas é galante,
Veste bem, tem um ar de aristocrata;
E' distinto no falar, um diplomata,
P'rás damas um «bijou», um «dilettante».

Também é gracioso e não pedante
Quando conta um feito ou uma bravata;
Tem caco ou fosforo e não é tarata;
Emfim: em tudo é fino e elegante.

E então quando cofia o seu bigode?
Ninguem de resistir ao riso pode,
Pois tem uma específica maneira:

Não conhecem aqui o retratado?
Pois apelido tem mui «engraçado».
Sínonimo de iraça ou brincadeira:

W. A.

gracado, respondi-lhe: «Meu velho amigo, tens razão! Minhas queixas, meus lamentos, já mais eu darei a perceber ao mundo! Lutarei com mais stam; hei de ser mais firme nos meus propósitos; hei de confiar mais nas minhas forças.

Vencer!

E, embora batido pelo lataço da desventura, hei de lutar, pelejar com ardor sempre e sempre! E se a ventura felicíssima do que ha de mais belo e estonteante na vida me não sorri cá nestn mundo, sorrir-me-há, de certo, no Ceu!

Aquele trecho parecia escutar-me com satisfação...

Mocidade! Acatae o exemplo de trecho!

Tende sempre esperança! A felicidade tarda sempre mas um dia chega! Não vos deixais vencer nem combate, porque vos tornais indignos do gênero humano!

A vitória sem peleja é vil; a derrota lutando é nobre!

Mocidade! Lutae, luta sempre.

Guilherme Agria

—Não jogo! Torno a afirmar! Seja bem ou à foerade.
Não jogo mais o bilhar
De tres. E' forte eslopada!..

Não sabem?

Qualquer dia, nós, temos um ministerio constituído por mulheres!

E'na rae!

Isso é que vai haver ade-sões!

Ha de ser uma tal viração de feijão frade que até o padre santo, ha de ficar es-trabaliado.

Sim, mesmo que não es-piritualisem o amor...

Um garbosos bacharel
Do deus Cupido guarida,
Está ensaiando o papel
Do Fausto co'a Margarida.

Certo poeta famoso
Disse alegremente ha dias:
—Só com este pau nodoso
Metrifico poesias.

SIM senhor...

Apoiado, sen careca!
Então, você, não nos dia-zia nada...

Tal está o maganão, heim!
Vá lá, vá lá, não vai para ali mal.
Olhe sabe uma coisa:
para a outra vez, muito em-bora nol-o não queira dizer
de cara a cara deixe, ao me-nos transparecer um pouco
nesse seu rosto de «Felisteu»
os impetos da sua alma de giboita...

A graça que Deus vos deu,
O' ninhas de Figueiró,
E' bela! Mas eu hem sei
Que não daes ponto sem nó...

Será verdade?

Ha quem diga, e mesmo quem chegue a afirmar por ahí que muito em breve deve chegar até nós uma dis-tinta baillarina e cançonetista que exibir-se ha no Club Figueiroense.
Será verdade?
O' c' o' os diablos!
Fujam maridos,
Desta vez tendes de pôr as costas no seguro....

Nas frases que te inspirei,
Meu Valentim, minha flor,
Ha mesmo o que eu esperei:
Palavras de sonhador...

Casamento

Esta para breve o casamen-to de certa «Julietta» da élite.
Que sejam muito felizes os pombinhos.
Anticipamo-nos, em lhe dar os parabéns e desejamos que terham muitos menjhos.

Deus os fez...

... Deus os juntou!
— Ou deixa de jogar ou vai... para a Mealhada... Achamos bem.
Antes para ali do que pa-ra Italia...
E ela então que está tão cara... e ele é tão pobres-nho...
Tadinho...
— Olhal para poupar vai... vai para um convento.

Vejam como as coisas são;
Por causa da assucarada
Ia havendo sarrafusea,
Ia havendo traulitada...

E pena!

Um filho de Apolo, que en-tre nós está de certo arranja-ria cá a dilecta companheira da sua vida se não fora o en-gulho enraizado que trouxe de fóra.

Que pena!
Ai, ai, coração como palpi-tash...

— Que maroto! Que desplantel! Levar assucar p'ra casal...
— Cale a boca que o escacho,
Dou-lhe cabo duma aza!...

DIZ-SE:

— que o nosso colaborador Valentim vai casar com a ex." sr. D. Celia. Parabéns;

— que o sr. Serra vai dei-xar embranquecer a barba;

— que o Guilherme Agria esteve em Coimbra a fornecer-se de tricanas;

— que o sr. dr. José Delga-

do tentou engroçar dentro da vae rebentar numa revolução;

— que o Artur Furtado vai ser roubado para uma exposição; ele e as piadas;

— que o sr. Amadeu Lopes vai ser nomeado secretario geral do ministerio do interior;

— que o sr. Marques da Sil-va, está indigitado para Direc-tor Geral das Obras Publicas e o sr. Wladimiro d'Almeida para Ministro do Trabalho;

— que o sr. Antonio Luiz Agria vai mandar para a pro-xima exposição internacional de vinhos as amostras da sua adega;

— que o sr. dr. Crespo de Lacerda disse que o seu diploma cheirava a polvora;

— que o mesmo sr. fez voto de celibato perpetuo;

— que o sr. Artur Sequeira faz se mudar para não ouvir mais pedidos de sócio anti-rabico matca «Getopiga»;

— que o sr. Padre Antonio não tem «comparécidio» no Club para não ficar «estarrécito» ante as perdas suas e ganhos alheios;

— que o sr. Rego está na firme disposição de se casar brevemente;

— que o sr. dr. Mesquita es-tá ensaiando a «Aria das Joias»;

— que o sr. dr. Artur Agria está muito consternado por ter acabado a caça aos coelhos;

— que o sr. Carlos Graça á força de falar no fornecimento d'água já se encontra no ponto de rebuçado;

— que brevemente o Grana-

— que o sr. Carlos Rodri-gues encorajou de Paris umas pernas mais altas;

— que o sr. Marçal Frcitas zo ler o soneto do Martinho exclamou d'olhos em alvo: ai! filho que bem que falas;

— que o sr. José Lacerda anda descorçoado por não encontrar quem o ame;

— que o sr. dr. Marcolino Jurou em carta ao sr. dr. Afonso Costa que nunca mais jogava o bilhar a tres;

— que o sr. Ferrão, em vin-do a nova tabela, grita logo: *toma Zelim!*

— que o sr. Semedo vai abrir uma aula para amestrar gatinhos;

— que um ilustre escultor de Lisboa está modelando uma estatua para ocupar o lugar de administrador do conceito;

— que os bailes deste carna-val vão dar muitas surpresas.

Arrenda-se

Arrenda-se a loja onde tem estado o armazém de fa-zendas de Agria & compa-nhia.

Quem pertender dirija-se ao seu proprietário.

Manoel Luiz Agria Junior

Usem todos**A LUZ DO SOL**

Sistema WIZARD
Funciona a gazolina e petroleo

Luz mais clara que a el-e-tricidade e por menos di-nheiro.

As lampadas WIZARD: são higienicas, sim-ples, solidas, elegan-tes, e sobretudo muito economicas.

Não demorem os seus pe-didos ao Agente

JOSE PEDRO DOS SANTOS
Figueiro dos Vinhos**Clinica Dentaria****Protese Dentaria**

O cirurgião dentista de Lisboa J. A. Mota, ex-assistente de A. B. Tu-gman, dentista Inglez na capital, tem a honra de ofe-recer a V. Ex." os trabalhos da sua especialidade.

Consultas diárias das 9 ás 18 horas

Desinfecção meticulosa de to-do o material operatório

Tratamento de todas as doenças de boca e dentes.

Hospedado no hotel

João Luiz

Encontra-se às quartas-feiras na Castanhira de Perá,

INSTANTANEO

Tem drogas e venenos e pomada,
Tem híodaloze, «píldras», algodão;
Vende Ferro Bravais por um tostão,
El' vende tudo e nuncz falta nada.

Vão á botica, mui bem frequentada,
Juiz Graça, Mesquita e mais Ferrão;
E se acaso aparece um pobretão,
Vae molemente vender a frascada.

Fala em politiquice e mais na «Luta»
Entra, sem se ralar, numa disputa,
Se o acaso a acendeu na sua terra.

Usa ornamento á Cristo e bem talhado,
Alguem não vê aqui fotografado
O Antonio d'Azevedo Lopes Serra?

W. A.